

# O alemão na era da globalização

■ Reforma ortográfica simplificadora se depara com resistências entre pais de alunos, escritores e editoras

SALVADOR PANE BARUJÁ  
Especial para o JB

BONN – O ano escolar começa esta semana em três dos 16 estados alemães, e ninguém sabe o que fazer com a língua oficial do país: deve-se ensinar ainda a gramática vigente ou já a que deverá vigorar a partir de 1º de agosto de 2005? Pais desorientados, editoras ameaçadoras, escritores ofendidos e professores em dúvida não se entendem sobre a evolução futura da complexa língua alemã. Uma das razões da cacofonia é que a reforma ortográfica a caminho traz um aspecto inteiramente novo na cultura oficial. Em muitos casos, deixará de existir uma única forma culta da escrita e passarão a conviver duas, às vezes três opções. Como no período de transição, de 1998 a 2005, a atual grafia permanecerá em vigor, aumentam as opções de escrever "bem" em alemão.

As propostas de simplificação por exemplo do uso das vírgulas e de alemãização de palavras estrangeiras gerou, nos últimos três meses, uma enxurrada de processos de pais de alunos na justiça. Semana passada, o Superior Tribunal Constitucional recebeu a primeira queixa. Outros 20 processos semelhantes correm nas varas estaduais. Além disso, abaixo-assinados circulam em cinco estados, exigindo a convocação de plebiscitos. A questão central é saber quem determina o que os alunos devem aprender. Se for o Estado, a competência é da União ou dos governos estaduais? Precavido, o governo de Hesse já estuda a possibilidade de promulgar uma reforma ortográfica estadual, o que poderia levar, em caso extremo, à vigência de 16 reformas diferentes. Esta hipótese, aliada a divergências também na Áustria, leva os suíços de língua alemã ao desespero. Eles querem aplicar de qualquer jeito a reforma, pois ela proíbe, graças a uma cláusula restritiva, a germanização de palavras estrangeiras na Suíça.

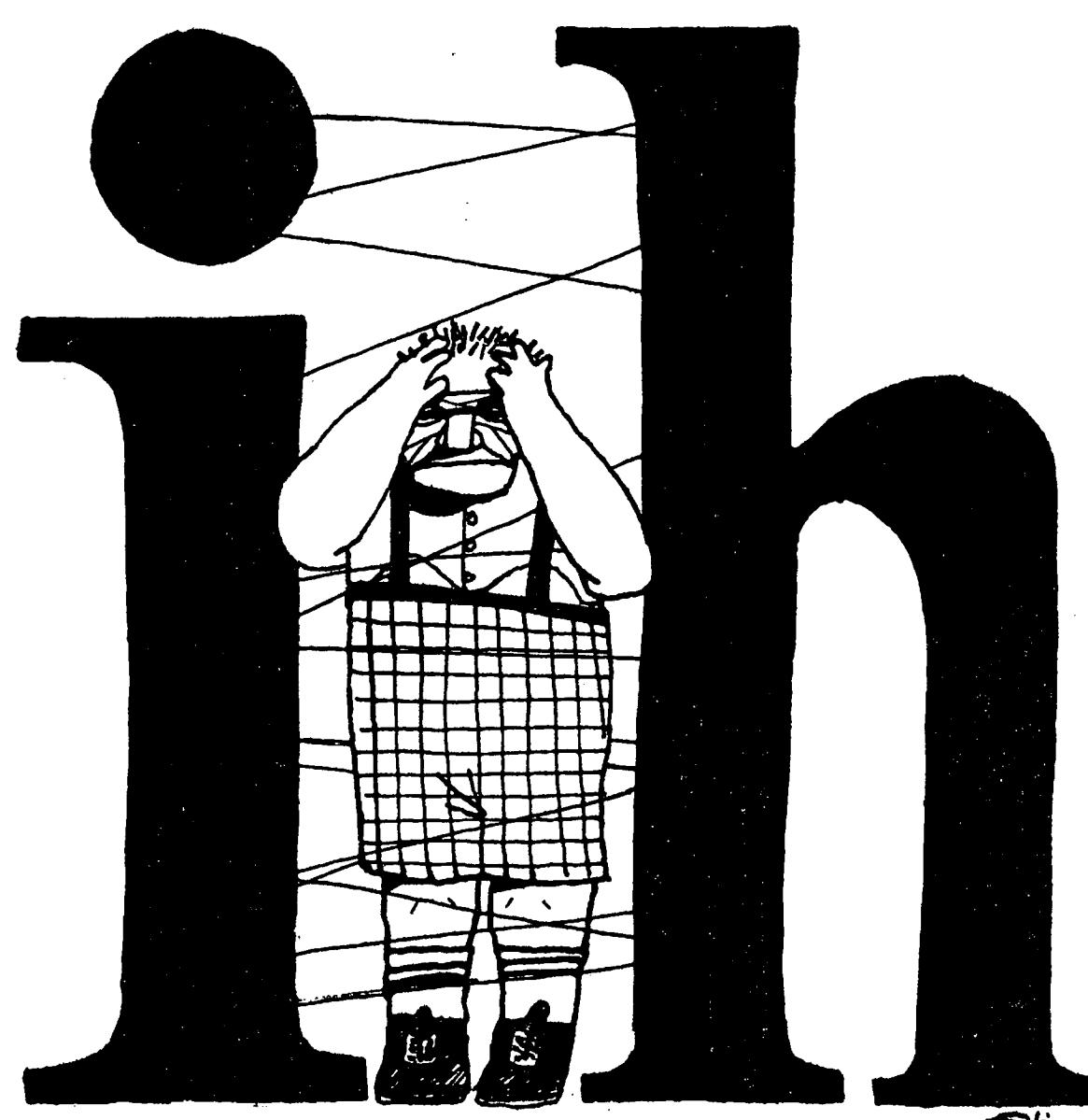
**Escritores** – Durante os 12 anos que durou a discussão da reforma ortográfica, ninguém na Alemanha se opôs a sua aplicação, nem o parlamento nem os intelectuais. Mas três meses depois de sua promulgação, em setembro do ano passado, escritores de peso, como Günter Grass, Siegfried Lenz e Ernst Jünger manifestaram-se contra. Eles consideram a reforma confusa e contraditória, mas querem principalmente proteger suas obras da possível tradução para a nova ortografia.

O essencial da discussão atual dá-se, na verdade, nas escolas públicas, onde a reforma passaria a vigorar em 1º de agosto de 1998, tornando-se obrigatória só sete anos depois. No

momento, sua aplicação antecipada varia conforme o estado e segundo a compreensão de cada professor, repercutindo entre os pais de alunos de maneira variada. Como o ensino da nova ortografia ainda não é obrigatório, muitos docentes continuam usando a grafia que permanece em vigor – alguns pais já exigem o ensino da futura reforma, enquanto outros não aceitam as mudanças. Certas secretarias estaduais de educação tornam obrigatório o ensino imediato das novas regras, o que conflita com a interpretação de alguns colegiados de professores de que a obrigatoriedade somente tem cabimento a partir do próximo ano letivo.

**Escolas** – Mais crítica é a questão dos livros escolares. Cada escola tem autonomia para decidir – compram-se os livros já editados conforme a reforma ou espera-se a decisão do tribunal constitucional? As editoras de textos escolares já imprimiram livros no valor de R\$ 150 milhões, e caso o tribunal decida adiar ou rejeitar a reforma, elas pretendem processar os governos estaduais por quebra de contrato. Alguns pais vêm na justiça também a única solução possível para conseguir o objetivo contrário: deter a reforma. Na pequena cidade de Elstleth, no estado da Baixa Saxônia, uma menina de oito anos terá aulas particulares na escola pública do município porque seus pais ganharam recurso no tribunal do estado contra a reforma. Poucos pais admitem, como Hermann Günzel, da cidade de Marburgo, que não querem rever o que eles próprios estudaram há décadas nos bancos escolares. Günzel argumentou perante o tribunal de Hesse que se a reforma for aplicada, sua autoridade paterna seria atingida e ele teria de aprender tudo de novo "como se fosse um menino da primeira série".

As secretarias estaduais de Educação estudam uma saída para esta confusão: um acordo dos 16 governos estaduais, que teria de ser ratificado pelas assembleias legislativas. Isto evitaria ainda a hipótese de cada secretaria criar suas próprias regras ortográficas. Aos adversários da reforma, ficaria ainda o recurso do plebiscito para manter tudo como está. A situação hoje é bem diferente daquela de 1903, quando se deu a última reforma ortográfica, que aboliu o agá de palavras como *Tür* (porta), mantendo-o em outras, como *Thron* (trono). Insatisfeito com as modernas regras, o imperador Guilherme II decretou as mudanças, mas manteve o privilégio imperial de continuar escrevendo à moda antiga. Pela reforma em discussão, a situação atual é outra, pois a obrigatoriedade só abrange a serviço público e as escolas primárias.



## AS NOVAS REGRAS, NEM TÃO SIMPLES

Aproximar da língua falada o idioma considerado o mais complexo, racional e minucioso do mundo, simplificando regras e propondo gráfias originais. Este objetivo, trabalhado por filólogos e pedagogos alemães em colaboração com colegas austríacos e suíços, contempla novas regras em sete áreas:

**PALAVRAS COMPOSTAS:** Os idealizadores da reforma partem do princípio de que as muitas e muito comuns palavras compostas do alemão são pronunciadas com uma breve pausa. As que incorporam verbos diferentes (*kennenlernen*, conhecer), substantivos e verbos (*kopfsnicken*, acenar com a cabeça), a palavra *sein* (*zusammensein*, estar juntos) e a palavra *wenig* (*zuwenig*, muito pouco) passam a ser desmembradas (*kennen lernen*, *kopf nicken*, *zusammen sein*, *zu wenig*). Exceção: continuam compostas as palavras formadas com *irgend* (*irgendjemand*, alguém). Os adversários querem entender por que *wiederherstellen* (restabelecer) e *hinterüberfallen* (cair de costas) continuam compostas, e *wieder herrichten* (arranjar) e *vornüber fallen*

(cair de bruços), não.

**RAIZ DAS PALAVRAS:** As palavras deverão espelhar a sua raiz. *Potentiell* (potencial) passaria a ser grafada *Potenziell*, pois provém de *Potenz*, mas a forma atual também será aceita. Em caso de palavras compostas com repetição seguida de vogais (*Schneeeule*, coruja-branca), também poderá intervir um hífen (*Schnee-eule*). Somam-se assim três versões, pois a atual já é abreviada de um e (*Schmeuele*).

**MAIÚSCULAS:** A regra geral de que os substantivos se escrevem com maiúsculas passa a prevalecer também em caso de substantivos no interior de expressões (*in Bezug auf*, com respeito a) e de palavras substantivadas (*im Dunkeln tappen*, apalpar no escuro). Os adjetivos continuam em minúscula (*goldene Hochzeit*, bodas de ouro), e os derivados de nomes próprios são opcionais – dramas brechtianos serão grafados *die brechtschen Dramen* ou, para ressaltar o nome do escritor, *die Brecht'schen Dramen*.

**VÍRGULAS:** Caem para nove as 52 regras existentes de uso da vírgula. Principal mudança: extingue-se o uso obrigatório da vírgula entre frases unidas pelas palavras *und* (e) e *oder* (ou).

ca já adota há décadas nos dicionários. A junção *st* – como em *lustig* (engraçado) – não será mais separada *lu-stig*, mas *lus-tig*. Alega-se que a atual maneira de separar surgiu com o linotipo, para evitar de derreter tanto chumbo na constante separação dessas letras. O mesmo com *ck*: *me-ckern* (resmungar) em vez de *mec-kern*.

**USO DO B:** O duplo esse forte alemão, meio caído em desgraça junto aos paladinos da globalização e da competitividade, é mantido só depois de vogais longas (*Maß*, medida), mas é substituído por dois esses depois das curtas (*Kuss*, beijo).

**ALEMANIZAÇÃO:** Liberdade de manter a forma estrangeira (*Ketchup*, mas com a maiúscula dos substantivos alemães) ou escolher formas germanizadas (*Ketschup*). O mesmo com *Tunfisch* (atum) e *Thunfisch*.

**SEPARAÇÃO DE SÍLABAS:** É facilitada, de acordo com o que a fonéti-